

Como escolher o sexo do primeiro-ministro?

Há uns anos, pus-me a ver o episódio duma série americana: *Sobrevivente Designado*. Um ataque terrorista durante o discurso do Estado da União mata toda a estrutura de governo dos EUA. Morre o presidente, o vice-presidente, os membros do governo e todos os congressistas. Ah, e ainda os juízes do Supremo Tribunal, para não se ficarem a rir.

Todos, não: há sempre um membro do governo que se mantém escondido para que os EUA não fiquem sem governo em caso de ataque (e é mesmo verdade: esse *sobrevivente designado* existe na vida real).

Ora, mas nada disto interessa. Aliás, interessa, mas veja antes a série, que um texto sobre tradução não é substituto para tal prazer.

O que me traz aqui é outra coisa: a certa altura, o tal sobrevivente designado, entretanto alçado a presidente, recebe um telefonema de condolências do «*prime-minister*», que todos percebemos ser o chefe de governo do Reino Unido. Não ouvimos a voz britânica. Ouvimos apenas a voz do presidente a responder.

O tradutor fez uma coisa engraçada: traduziu por «primeira-ministra». Nada a apontar, claro. Afinal, naquele momento tínhamos mesmo uma primeira-ministra em Londres – mas imagino que, tivesse a série sido lançada antes da tomada de posse de Theresa May, a tradução teria sido «primeiro-ministro».

Isto é apenas para apontar um aspecto pouco conhecido do trabalho de tradução: às vezes, temos de definir algo que, no original, é ambíguo – e tudo por causa da maneira como cada língua funciona. Há certas ambiguidades que o tradutor tem de resolver – e por isso a

tradução implica quase sempre fazer escolhas. Estas escolhas podem ser discutíveis, claro está – mas não há tradutor que lhes possa escapar.

Como é comum dizer-se entre linguistas, as línguas não diferem no que permitem dizer: todas servem para expressar a totalidade da experiência humana, haja talento para isso. Aquilo em que diferem é mesmo no que obrigam a dizer! Há tantos e tantos casos...

Por exemplo, um tradutor russo, perante a palavra «azul», tem de decidir se escreve «azul-escuro» ou «azul-claro» – porque os dois tons têm dois nomes separados.

Já nós, perante o termo «*sueño*» do espanhol, temos de decidir se traduzimos por «sono» ou por «sonho», mesmo num texto em que a ambiguidade do espanhol foi usada propositadamente pelo autor.

E, depois, temos de definir o género de qualquer nome, seja uma árvore ou uma criança. Assim, acabamos por ter de decidir, sempre, qual é o sexo do primeiro-ministro que aparece numa série ou num livro.

Lembro-me doutro caso em que o tradutor tem de escolher o sexo do primeiro-ministro britânico. Num dos livros de Ian McEwan – *The Child in Time* – há uma personagem chamada «*prime-minister*».

O livro foi publicado nos anos 80, mas passava-se num futuro pouco distante (se bem me lembro, no final dos anos 90). O sexo do primeiro-ministro era importante: será que nesse futuro Margaret Thatcher ainda seria a primeira-ministra? De certa maneira, a leitura mais ou menos política da obra dependia desse pormenor – mas Ian McEwan nunca dá a resposta. Já a tradutora portuguesa teve mesmo de fazer a sua escolha...